

DISCURSOS E *IMPEACHMENT*
A GUERRA PSICOLÓGICA ENTRE 2013 E 2016

12

Leonardo Borges Ferreira (tutant09@yahoo.com.br)*

Resumo: A partir de vídeos, o presente estudo destacou discursos, além de documentos do período entre 2013 e 2016, tendo como ponto de partida a fala da então Presidente da República de que o governo sofreria uma guerra psicológica, para traçar uma breve conjuntura política brasileira. A partir de 2013, de fato, houve deterioração dos índices de aprovação do governo com grave crise política que culminou no processo *impeachment.* Recorrendo às falas que remetiam ao possível recurso à violência e ao teor de documentos do Partido dos Trabalhadores e do Foro de São Paulo, o estudo apresentou indícios de que a guerra psicológica a que se referia a presidente, de fato, ocorreu e tratava-se, em essência, do uso de narrativas para impactar na percepção e opinião pública. Dentre os resultados do estudo verificou-se a existência da noção de que o domínio dos meios de difusão midiática é vital para a propagação e reforço de discursos políticos.

Palavras-chave: guerra psicológica; crise política; discursos políticos; *Impeachment.*

SPEECHES, AND IMPEACHMENT: THE
PSYCHOLOGICAL WARFARE BETWEEN 2013 AND 2016

Abstract: Based on videos, the present study highlighted speeches, in addition to documents from the period between 2013 and 2016, starting with the speech of the President of the Republic, stating that the government would suffer a psychological war, to outline a brief political situation of Brazil. From 2013 on, there was a deterioration in government rates with serious political crises that culminated in the impeachment process. Using the statements that referred to the possible use of violence and the content of documents from the Partido dos Trabalhadores (PT) and the Foro de São Paulo (FSP), the study demonstrated evidence that the psychological war, to which the president referred, in fact occurred and was essentially based on the use of narratives to impact public perception and opinion. Among the results of the study, it was verified the existence of the notion that the domination of media broadcasting is vital for the propagation and reinforcement of political discourses.

Keywords: psychological war; political crisis; political discourses; Impeachment.

1 INTRODUÇÃO

Em uma arena política democrática, conquistar a preferência da maioria é a essência de um partido político que busca se perpetuar. Em 2013, durante o

* Doutor em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações do PSTO/Universidade de Brasília, Mestre em Administração — PPGA/Universidade de Brasília, Bacharel em Ciência Política — UnB.

pronunciamento de final de ano, a então Presidente da República, Dilma Vana Rousseff (2013), proferiu a frase: “Nessa reta final vamos sofrer uma guerra psicológica: eu tenho os votos, aquele não tem. O processo que tem um objetivo, de construir situação de efeito dominó”. Naquela ocasião, era notório que Dilma (2013) se referia às tentativas de oposicionistas de gerarem desconfiança para inibir investimentos e minar a economia brasileira. Ela estava certa.

A mesma frase teria sido repetida no dia 13 de abril de 2016, quatro dias antes da votação do processo de *impeachment* na Câmara dos Deputados, durante entrevista coletiva concedida no Palácio do Planalto, mas, dessa vez, Dilma mencionou que estava em decurso no Brasil um golpe que, por meio de uma conspiração que visava à derrubada do governo (SPINILLO, 2016).

Em 2015, o Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE) apontou que a avaliação do governo de Dilma passou de 63% de aprovação no início de 2013 para apenas 9% em dezembro de 2015, um recorde negativo de popularidade em que 82% da população desaprovava a maneira de governar. Da amostra entrevistada, verificava-se que 75% consideravam que as notícias veiculadas na imprensa eram desfavoráveis ao governo com destaque para os temas: *impeachment*, corrupção e manifestações (CNI, 2015).

Crises nas contas públicas, pioras nos indicadores sociais e escândalos de corrupção envolvendo atores proeminentes, além de outros fatores que comprometeram a estabilidade do governo, provocaram uma série de atritos político-partidários que levaram a uma quase paralisia governamental, sobretudo em 2015.

Líderes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e da Central Única dos Trabalhadores (CUT) chegaram a mencionar a luta armada como solução. Houve apologia às execuções políticas sumárias por parte de Mauro Luís Iasi, do Partido Comunista Brasileiro (PCB). As ameaças do Deputado Federal Sibá Machado, líder da bancada do Partido dos Trabalhadores (PT) na Câmara dos Deputados de “baixar o pau em manifestantes pró-*impeachment*”, a ameaça de enviar o “exército de Stédile” para as ruas por Luís Inácio Lula da Silva e o enfrentamento violento, sutilmente mencionado pela Deputada Estadual de São Paulo Leci Brandão, do Partido Comunista do Brasil (PC do B), deram o tom dos posicionamentos.

Discursos de líderes estrangeiros, como os dos presidentes da Bolívia e da Venezuela, acirraram ainda mais a rivalidade política no Brasil e ameaçaram trazer à tona enfrentamentos sem precedentes na história da América Latina, gerando um estado de alerta. Teriam essas falas alguma conexão contextual entre si? Tais falas teriam a pretensão de se fazer eclodir enfrentamentos reais ou teriam sido mero uso da retórica política?

Este estudo teve como objetivo geral destacar falas e discursos ocorridos no contexto político brasileiro que culminou com o processo de *impeachment* de 2016, extraindo evidências sobre o uso da retórica de incitação à violência.

Como objetivos específicos** buscou-se conceituar construtos que permitissem conexos com a afirmação de que havia uma guerra psicológica em decurso, bem como encontrar fontes documentais que se referissem a meios e ações relacionadas à difusão midiática capaz de influenciar na percepção e opinião pública.

Para o alcance dos objetivos, o presente estudo recorreu a vídeos e documentos públicos cujos trechos de interesse foram transcritos com exatidão. Foi adotada uma vertente descritiva na medida, ao contextualizar-se o cenário político e ao situarem-se as falas analisadas; e uma vertente explicativa, ao buscar-se articular elementos do referencial teórico aos caracteres das falas proferidas, em busca de associações e similaridades da lógica. Trata-se de uma pesquisa essencialmente qualitativa, típica da Ciência Política enquanto ciência ideográfica que foca na compreensão de fenômenos particulares inseridos em um contexto.

O percurso metodológico envolveu a coleta de dados considerando o recorte temporal entre os anos de 2013 e 2016 e, basicamente, refere-se a vídeos com discursos relacionados à situação política vivida no Brasil nesse período. Bauer e Aarts (2002) apregoam que a construção de um *corpus* de pesquisa pode não seguir uma seleção sistemática, porém, desde que apresente atributos característicos do que se pretende pesquisar, é válido, visto que nem sempre é possível trabalhar com amostragem, sobretudo em pesquisas qualitativas.

A construção do *corpus* de pesquisa ocorreu com o estabelecimento de quesitos *a priori* definidos pelo autor: 1) deveriam ter relação com o momento político brasileiro no recorte temporal considerado; 2) deveriam refletir a visão de pessoas que apoiavam o governo de situação; 3) deveriam conter alguma referência ao uso da violência. O enfoque principal se deu nos elementos discursivos que possibilitassem explorar a subjetividade contida nas falas analisadas, a partir das quais buscou-se encontrar traços nos documentos e na literatura selecionada.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Enquanto “ciência mole”, passível de maior flexibilidade nos métodos e liberdade do pesquisador, depreende-se que os achados da Ciência Política podem se tornar, por vezes, imprecisos e refutáveis, características típicas das ciências sociais (HEDGES, 1987). Segundo Hedges (1987), os cânones das ciências duras e seu respectivo rigor não permitiriam uma análise razoável dos fenômenos políticos e suas abstrações.

As variáveis e forças que incidem sobre os objetos-alvos da Ciência Política, diferente das explicações newtonianas, cujas causas e efeitos podem ser mapeados, resultam em achados onde “o ‘sempre’ e o ‘nunca’ das leis e lógicas positivistas não encontram fundamentos, onde as coisas são apenas mais ou menos prováveis de se realizarem” (GOODIN; KLINGEMANN, 1998, p. 9).

Em discursos políticos, não raras vezes, as falas dos interlocutores vão muito além do aparente; a linguagem somente faz sentido quando contextualizada psicológica e socialmente. O aparente nem sempre é o real. Discursos políticos trazem intencionalidade dirigida a uma audiência; importam os efeitos sobre o público. No espaço de discussão, é por meio das palavras que se constroem significados e se elidem valores, ou seja, é a fala que causa, em primeira instância (CHARAUDEAU, 2018). O discurso guarda relações contextuais indissociáveis, sendo imprescindíveis para a compreensão do seu sentido considerar a “posição do emissor nas relações de força e também sua relação com o receptor” (BARDIN, 1977, p. 214).

2.1 *Guerra, política e discurso: a guerra psicológica*

A guerra sempre é resultante de uma condição política e se desdobra em função dela, sendo ambas faces da mesma moeda, isto é, a “guerra não é só um ato político, como também um autêntico instrumento político”; é a continuidade da política através da força dada à incapacidade de se harmonizarem interesses (CLAUSEWITZ, 1996, p. 46).

As iniciativas “dirigidas contra as mentes, em lugar da violência tradicional” estão inseridas no contexto da guerra psicológica (MÉGRET, 1959, p. 8). Fruto da própria história da humanidade e de seus conflitos, a guerra psicológica é

resultante das revoluções ideológicas e das metamorfoses das sociedades políticas, surgindo da encruzilhada das técnicas psicossociológicas que mobilizaram o pensamento e precipitaram a osmose intelectual dos povos e das nações (MÉGRET, 1959, p. 8).

Os conhecimentos de guerra psicológica podem se tornar as mais destruidoras armas, e, para um “fanático”, o uso conveniente de termos como “fomento da democracia”, “despertar das massas”, para suas próprias propagandas e “disseminação de mentiras”, “corrupção da imprensa” ou “ópio para o povo” (LINEBARGER, 1962, p. 93).

Em alusão a Karl Marx, Nogueira (1963) dizia que, se a força é a parteira de toda sociedade, a propaganda seria a mãe de toda força, o mais importante impulsionador das vontades dos povos, cujo básico é modificar comportamentos por condicionamento ou sugestionamento, incutindo crenças (religiosas ou superstições) ou reflexos (respostas automatizadas a determinados gatilhos) nos indivíduos.

Para Volkogonov (1986), a conquista da consciência coletiva é um campo onde se travam batalhas cujas armas são fornecidas por áreas do conhecimento como “Psicologia Social e Ideologia”. A “batalha pela consciência social” envolve a investida em “formas concretas: consciência política, de justiça, moral, estética, filosófica e, em alguns casos, religiosa”, uma “luta de ideias” (VOLKOGONOV, 1986, p. 20).

Na busca das preferências políticas, o discurso político surge como um dos mais importantes instrumentos de difusão de pensamentos e ideais. Charau-deau (2018) define discurso político como um ato entre emissor e receptor que envolve alguma relação de poder, destinado a causar efeitos daquele sobre este, pautado, geralmente, pela existência de uma ameaça ou gratificação. O discurso político envolve princípios de alteridade, influência e regulação, indissociáveis da intencionalidade de causar efeitos. Para Enriquez (1983, p. 58), o objetivo de um discurso político é “seduzir, atrair, fascinar por figuras de estilo, por variações de vozes, intensidade expressiva e, sobretudo, por repetições de fórmulas simples”.

2.2 *Ideologia como norteadora do discurso político*

Uma das primeiras noções sobre o conceito de ideologia advém de Engels e Marx (2006) ao argumentarem que a “ideologia” seria uma deformação da realidade, uma forma de replicação das “ideias dominantes” para a formação de consciência social alienada. Engels e Marx (2006) acabariam por criar uma ideologia própria onde alguns dos objetivos eram a supressão de verdades eternas, a abolição da religião e da moral como caminho para a ruptura dos velhos paradigmas da sociedade. Essa ideologia deveria ser promovida por uma intensa intervenção estatal na educação, na propriedade, nas ciências, nas relações de trabalho e familiares de maneira a fazer surgir um novo sistema social.

Numa outra abordagem, haveria duas conotações para ideologia: 1) conjunto de valores, crenças ou ideias que sustentam visões de mundo, incluso, nesta vertente, as distorções produzidas na percepção dos sujeitos em relação à realidade; e 2) “ideologia política”, um conjunto de ideias coerentes que têm por objetivo “servir de guia para a ação política”, para a tomada de decisões no universo político (REIS, 1988, p. 26).

Enquanto, para Franco (2004), ideologia é um conjunto abstrato de ideias que orienta a compreensão da realidade, para Meszáros (2004), ideologia se refere a uma forma de consciência social, sempre inacabada, baseada em valores-referências e conceituações coerentes que implicam repercussões práticas na vida social. Arendt (1989, p. 188) afirmou que “toda ideologia que se preza é criada, mantida e aperfeiçoada como arma política e não como doutrina teórica” e que o aspecto científico é o que menos importa se os efeitos desejados são alcançados.

Garcia (1982) argumenta que uma propaganda ideológica é um processo de divulgação que busca, destarte, manipular o público para o qual se dirige usando, para isso, palavras ou símbolos meticulosamente preparados para inculcar a informação desejada, seguindo um processo de “controle ideológico” (GARCIA, 1982, p. 17). O controle ideológico é importante porque através dele se pode atrair e apreender as preferências e motivações das pessoas na esfera política (RUIZ, 2004). Segundo Ansart (1983), a inoculação de sentidos no público

tem por finalidade fornecer explicações simplificativas da realidade coerente com a ideologia que representam, visto que as mensagens atraem, ancoram e reforçam desejos.

A propaganda política é uma arma silenciosa que busca “convencer para vencer”, objetivando arrastar multidões para a ação, através da introjeção e reforçamento de ideias no público a para o qual são dirigidas (DOMENACH, 2001). Nessas investidas, as “personalidades-pilotos”, indivíduos proeminentes que exercem algum tipo de influência no público-alvo, capazes de causar admiração e de impactar na subjetividade, assim como o uso de bandeiras, flâmulas, slogans, hinos, desenhos, cores vivas e música são peças centrais para impactar e gerar um fascínio (DOMENACH, 2001, p. 95).

3 ANÁLISE DO DISCURSO: DOCUMENTOS E FALAS

São analisados discursos e contextos de pessoas públicas brasileiras em meio à crise política envolvendo o processo de *impeachment* ocorrido no Brasil. As falas foram transcritas literalmente a partir de vídeos disponíveis na internet.

Igualmente, são analisadas as falas de dois presidentes latino-americanos proferidas em tom de ameaça à soberania brasileira onde justificavam que agiriam com força e rigor em defesa da democracia em razão de um golpe em andamento no Brasil.

Por fim, são feitas análises de documentos públicos do Partido dos Trabalhadores (PT) e diretrizes do Foro de São Paulo (FSP) por se mostrarem como fontes ideológicas do pensamento socialista na América Latina e Caribe, aparentando serem coerentes com as visões e discursos proferidos nas falas analisadas. Antes, porém, é tecida uma breve análise da conjuntura política brasileira.

3.1 *Os discursos de radicalização*

Em 24 de fevereiro de 2015, na Associação Brasileira de Imprensa (ABI), no Centro do Rio de Janeiro (RJ), Lula, acompanhado de João Pedro Stédile, líder do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), do prefeito da cidade de Maricá, Rio de Janeiro (RJ), Washington Quaquá, e do prefeito da cidade de Niterói (RJ), Rodrigo Neves, ambos do PT, foi responsável por falas que remetiam a uma possível radicalização, elevando a tensão entre oposição e governistas ao dizer: “Eu quero paz e democracia, mas eles não querem. Nós sabemos brigar também, sobretudo quando o João Pedro Stédile colocar o exército dele do nosso lado”. No referido discurso, ainda teceu críticas à Operação Lava-Jato e fez menção ao que chamou de tentativa de “criminalização da ascensão de uma classe social” no Brasil, algo que incomodava “a elite” (BRAGA, 2015).

Em 5 de março de 2015, durante comemorações de homenagem ao líder da revolução venezuelana, Hugo Chaves, João Pedro Stédile (MST) fez um pronunciamento polêmico, em língua espanhola para milhares de pessoas. Stédile (2015, grifo do autor) demonstrou seu apoio ao governo de Dilma Roussef, a Lula e desejou “sucesso” ao governo venezuelano na condução da revolução bolivariana, em discurso transmitido ao vivo pela rede de televisão estatal venezuelana TeleSur:

Traigo un abrazo de nuestro compañero Lula a cada uno de ustedes y al comandante Maduro. Venimos aquí para les decir no dar orgullo y siempre que nos da dudas recorrimos al ejemplo, a los pensamientos y a los ideales del comandante Chaves. Porque Chaves no fue solo de Venezuela, Chaves fue del pueblo latinoamericano, Chaves incluso era brasileño, Chaves incluso nos enseñó a reconocer al valor de Abreu y Lima que ni siquiera nosotros brasileños conocemos. Por eso venimos aquí para nos abastecer de los ideales y del pensamiento del comandante Chaves. Y venimos también para reflexionar con ustedes que nuestro continente pasa por momentos difíciles porque **la lucha de clases se puso más aguda, porque la burguesía y el imperio no aceptan los resultados del pueblo en las urnas**. Y ellos mantienen el poder económico, con sus bancos, sus empresas y sus dólares. Y **mantienen el monopolio de los medios de comunicación en todo Latinoamérica**. Entonces frente a derrota en las urnas ellos manipulan el poder económico, **manipulan la prensa para querernos derrotar a nuestra ideología y nuestro proyecto de liberación de Latinoamérica**. Por esto, en este momento está a atacar a ustedes, están atacando al pueblo argentino con Cristina y están atacando a nosotros en Brasil hablando de *impeachment* a la presidente Dilma. **Y nosotros tenemos que comprender que somos un solo pueblo y que tenemos que derrotarlos de una forma unida**, por eso venimos aquí a decir que **desde Brasil estamos con ustedes**. Venimos decir a Maduro que el pueblo brasileño está contigo. ¡No esmorezca, Maduro! No tenga miedo de esos mierdas que **solo tienen dinero y manipulan la ideología**. Frente a ellos nosotros tenemos una fuerza que es una calle, cuando tengan **dudas sigan a Chaves, y tomen la calle!** Que es en la calle que vamos a derrotar al imperio y toda la burguesía del continente. ¡Adelante! Comandante Maduro. ¡Viva! Al pueblo venezolano. ¡Viva! Al pueblo latinoamericano. ****¡Viva! La liberación de nuestra América****.

Polêmica anterior envolvendo o MST e a Venezuela se deu em 28 de outubro de 2014, na cidade de Guararema, São Paulo, por ocasião da visita não oficial de Elias Jauá, ministro venezuelano do Ministério do Poder Popular para as Comunas e Movimentos Sociais. Nessa ocasião foi firmado um acordo

de cooperação para o fortalecimento da “revolução bolivariana” por meio do intercâmbio de pessoal e conhecimentos:

Al firmar este convenio entre el gobierno de la República Bolivariana de Venezuela y el Movimiento de los Sin Tierra para incrementar la capacidad del intercambio de experiencia para **fortalecer** la formación de lo que es fundamental para una revolución socialista. La formación de la consciencia y la formación del pueblo para defender lo que ha logrado y seguir avanzando la construcción de una sociedad socialista. (ELIAS JAUÁ, 2014).

O episódio de Guararema teria causado um incidente diplomático entre Brasil e Venezuela com a convocação, por parte do Palácio do Itamaraty, do representante da embaixada venezuelana para prestar explicações. A assessoria de imprensa do MST, por sua vez, informou em sua página oficial que o aludido acordo seria nada mais do que uma cooperação entre camponeses dos dois países sobre produção agrícola e em áreas de interesse estratégico para os camponeses (MST, 2014).

Em 04 de junho de 2015, em Sumaré, São Paulo, Estância Árvore da Vida, ocorreu o 2º Congresso Nacional da CSP-Conlutas. Estiveram presentes, dentre outros, Mauro Iasi, do Partido Comunista Brasileiro (PCB), Luciana Genro, do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), e Zé Maria, do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado (PSTU). Antes de apontarem suas visões sobre qual ação deveria ser tomada pelas organizações, uma reflexão compartilhada por todos foi sobre a crise do PT e o esgotamento de seu projeto de poder (CSP, 2015).

Dentre os vários temas discutidos, o principal girou em torno da encruzilhada em que se encontravam aqueles que buscavam uma alternativa diante dos supostos ataques desferidos pelo Governo Dilma e pelas forças conservadoras contra o povo oprimido. A resposta das categorias de trabalhadores deveria girar em torno de greves gerais. Apesar do claro descontentamento de aliados do governo Dilma observado no 2º Congresso Nacional da CSP-Conlutas de 2015, não parecia, num primeiro momento, que havia interesse na derrocada total do governo.

Os discursos deixaram claro que havia uma séria insatisfação com o governo por conta de medidas de austeridade fiscal que ensejaram cortes de direitos trabalhistas. No bojo das discussões, Zé Maria deixou claro que haveria um rompimento dos trabalhadores com a frente petista, enquanto Luciana Genro argumentou que “a reforma política e a democratização dos meios de comunicação” eram distrações petistas para amenizar o descontentamento popular (CSP, 2015). Zé Maria defendeu que tudo não passava de tentativas de “blindar o governo Dilma”, em franca decadência. Mauro Iasi chegou a dizer que a derrocada do PT não se tratava de um problema conjuntural, mas o “fim de um ciclo”. No entanto, o que se destacou foi o trecho no qual Iasi (2018),

posicionando-se contra o que denominou de conservadorismo, parafraseia o poema “Perguntas a um homem bom”, do dramaturgo alemão Bertolt Brecht, dando a conotação do uso da violência contra antagonistas:

Assim nós enfrentaremos os conservadores. É assim que nós vamos enfrentar os conservadores: radicalizando a militância. Mas qual será nosso diálogo com o setor conservador? Nós temos que nos defender dessa ofensiva conservadora. Não ir ao diálogo com eles [...] Estamos dispostos a oferecer a você um bom paredão, na frente de uma boa espingarda com uma boa bala e vamos oferecer depois uma boa pá com uma boa cova. Com a direita e o conservadorismo nenhuma diálogo: luta.

No dia 27 de outubro de 2015, no calor das discussões sobre o pedido de *impeachment* que tramitava na Câmara Federal, o Deputado Federal Simbá Machado, do Acre, líder da bancada do PT, usou o plenário para chamar os manifestantes pró-*impeachment* presentes nas galerias de “vagabundos”. Bastante exaltado, o parlamentar vociferou: “Eu vou juntar gente e vou botar vocês para correr daqui de frente do Congresso. Bando de vagabundos. Vocês são vagabundos. Vamos para o pau com vocês agora” (NUNES, 2020). Alguns dias depois, noticiários registraram confrontos entre manifestantes antigovernistas acampados em frente ao Congresso Nacional e manifestantes pró-governo (SALCEDO, 2015).

O clima de animosidade perdurou, e, em 18 de novembro de 2015, outros confrontos foram registrados entre manifestantes pró e contra o governo Dilma. A confusão teria ocorrido entre um grupo que defende a “intervenção militar” no Brasil e integrantes da “Marcha das Mulheres Negras”, no canteiro central da Esplanada dos Ministérios, e pessoas, de ambos os lados, foram presas por agressões recíprocas. Próximo ao gramado do Senado, um homem que já havia sido detido alguns dias antes pela Polícia Militar por portar arma de fogo em uma manifestação foi novamente preso após realizar três disparos de arma de fogo. No mesmo dia, integrantes da Central Única dos Trabalhadores (CUT) teriam tentado arrancar faixas pró-*impeachment* de manifestantes acampados em frente ao Congresso, tendo sido utilizado gás de pimenta por policiais, para dispersar os agressores (CASAL, 2015).

Em evento realizado no dia 12 de agosto de 2015, no Palácio do Planalto, em encontro com de movimentos sociais, com a presença de Ministros de Estado e da Presidente da República, Vagner Freitas, presidente nacional da Central Única dos Trabalhadores (CUT), disse:

Boa tarde a todo povo que está presente aqui e ao que está nos assistindo por transmissão direta. Eu gostaria de começar dando um recado para os golpistas: Nós somos os construtores da democracia. E democracia é um valor universal e para os trabalhadores, muitos de nós, morreram defendendo a democracia, enfrentando a ditadura, construindo um outro país. O que se vende hoje no Brasil é a intolerância, é o preconceito,

preconceito de classe contra nós. Quero dizer em alto e bom tom que somos defensores da unidade nacional, na construção de um projeto nacional de desenvolvimento para todos e para todas. E que isto implica agora, neste momento, ir para ruas, entrincheirados com arma na mão se tentarem derrubar a Presidenta Dilma Rousseff (VEJA, 2015).

Wagner Freitas ainda arrematou seu discurso afirmando: “Seremos, Presidenta Dilma, qualquer tentativa de atentado à democracia, à senhora ou ao presidente Lula, nós seremos o exército que vai enfrentar esta burguesia nas ruas. Porque não vai ter golpe!” (VEJA, 2015).

Em meio à crise política com o processo de *impeachment* tramitando no Congresso Nacional, logo após o Juiz Federal Sérgio Moro autorizar a divulgação irrestrita de trechos de conversas entre a Presidente da República e Lula, no dia 18 de janeiro de 2016, ao lado de Lula, do prefeito de São Paulo Fernando Haddad, da Deputada Estadual de São Paulo Leci Brandão e diante de milhares de correligionários do MST, CUT, PC do B e de outras representações, Vagner Freitas, proferiu discurso em tom de ameaça:

Eu quero dizer em alto e bom tom que o Brasil está sofrendo um golpe. Um golpe da democracia, um golpe onde um juiz de toga acha que pode substituir um voto. Juiz é pra julgar. Quem manda somos nós que temos voto. Nós não podemos ver a ditadura do poder judiciário. Nós não podemos ter o que o Moro fez. Eu quero dizer, Presidente Lula, que o Moro não grampeou o Lula e a Dilma, o Moro grampeou a democracia. O Moro grampeou o Estado de Direito. O Moro grampeou o Brasil e nós vamos nos livrar do Moro (MUNDO DIÁRIO NEWS, 2016).

Em propaganda partidária do PC do B veiculada em outubro de 2015, a Deputada Estadual Leci Brandão (2015) deixa nas entrelinhas a possibilidade do uso de recurso da luta armada:

O PC do B está sempre pronto pra dialogar, respeitando o direito que todos tem de pensar diferente, mas também está preparado se o confronto for em outro campo. Os homens e mulheres do partido da coragem mais uma vez vão enfrentar os poderosos para defender a democracia. E precisa de você, de todos lutando juntos. Se eles quiserem mostrar tamanho, seremos maiores. Se tentarem ganhar no grito, gritaremos mais alto. E se quiserem medir força, seremos mais fortes que eles. Levamos muito tempo pra conquistar o que temos hoje, e não vamos permitir que os que nos prejudicaram no passado também estraguem o nosso futuro.

De comum, em todas as falas, se verifica a retórica que, de alguma maneira, invoca o recurso à violência. As falas são dirigidas a um público de apoiadores, e os eventos foram veiculados por diversos meios de difusão, sobretudo pelas redes sociais, dando amplo alcance.

3.2 *As ameaças de Nicolás Maduro, da República Bolivariana da Venezuela, e de Evo Morales, do Estado Plurinacional da Bolívia*

Em agosto de 2016, com a rejeição formal dos governos do Brasil, da Argentina e do Paraguai ante a possibilidade de a Venezuela assumir a cadeira da presidência do Mercosul, por motivos relacionados às acusações de quebra de cláusulas democráticas, Nicolás Maduro fez um pronunciamento no qual mais uma vez disse ter ocorrido um golpe no Brasil. Em tom de ameaças, Maduro (2015) proferiu:

La triple alianza de torturadores de Sudamérica ahora nos persiguen. La oligarquía paraguaya corruptible con narcotraficantes ahora nos persiguen, el demacrado Macri de Argentina, fracasado, repudiado por su pueblo ahora nos persigue y ahora nos persigue la dictadura impuesta en Brasil. ¡La triple alianza! Bueno, triple alianza, aquí los esperamos, aquí los vamos a enfrentar y aquí los vamos a derrotar, pero con Venezuela no se van a meter. A Venezuela se respeta, somos presidentes del Mercosul y lo vamos a ejercerlo plenamente., señores de la tripe alianza. [...]

Mañana va John Kerry a Argentina a cerrar el acuerdo con el ‘Plan Cóndor’ porque ellos creen que pueden venir a desaparecer a Venezuela. Ahí va estar John Kerry. Le dice la canciller que lo llamara y le dijera la verdad, Venezuela lo enfrentara en el campo de la palabra, de la diplomacia de la verdad porque anda por Sudamérica buscando la división, están buscando lo que no se les perdió.

O presidente da Bolívia, Evo Morales (2015), também se manifestou:

Escuché por alguien en Brasil que hay un golpe de estado a la compañera Dilma, a Lula y a PT. Hermanos comandantes, oficiales de las fuerzas armadas de Brasil, dile a mi noble comandante: no vamos a permitir golpe de estado en Brasil ni a Sudamérica o a américa latina. Vamos a defender las democracias y personalmente nuestro proceso va a defender a la Dilma, Presidenta de Brasil, vamos a defender al Partido de Trabajadores.

Nessa linha, em relação à política interna brasileira no período do *impeachment*, Morales referiu-se à situação como um golpe de Estado, dirigindo-se diretamente aos comandantes militares brasileiros.

3.3 *O Caderno de Teses: um partido para tempos de guerra*

O documento intitulado *Caderno de Teses: um partido para tempos de guerra*, resultante do 5º Congresso Nacional do PT realizado em abril de 2015, traz os postulados das diversas correntes internas do partido. A chapa petista denominada *Virar à Esquerda! Reatar com o Socialismo*, já em 2013, mencionava

que o PT havia abandonado sua essência socialista, colocando-se “a serviço do capital” e submetendo-se a “campanhas milionárias baseadas em doações de grandes capitalistas” e sob o julgo dos “interesses da burguesia” (PT, 2015, p. 159). Algumas ideias dessa chapa interna do PT geraram polêmicas e marcaram um posicionamento extremista, como se vê a seguir:

7. A Esquerda Marxista, logo após o resultado do 2º turno, lançou uma Carta Aberta à Lula, Dilma e a Direção do PT onde apontava:

c) **Demitir os ministros capitalistas, romper com os partidos do capital. Constituir um governo apoiado nas organizações populares, na CUT, no MST**, entre outras. Exigir publicamente e combater pelo impeachment dos ministros do STF que votaram na farsa da AP 470, a liberdade imediata e anulação da sentença dos dirigentes do PT.

e) **Fim imediato do financiamento público a toda a imprensa burguesa** (jornais e revistas) feitos através dos anúncios de publicidade estatais. Como jornais políticos que são que vivem do financiamento que recebem de seus apoiadores. Nenhum recurso público para a imprensa burguesa!

f) **Estatizar a Rede Globo, que é concessão pública e abri-la para os movimentos sociais!** É público e notório que a Globo se construiu sob o manto da ditadura e com dinheiro público, sonega impostos e deve mais de R\$ 1 bilhão aos cofres públicos. **Estatizar todas as redes, TVs e rádios religiosas, de qualquer confissão.** O Estado é laico e os serviços públicos devem ser laicos e democráticos. Basta com um serviço público, as concessões, sendo utilizadas permanentemente para tentar fraudar eleições e manipular a população!

8. Para fazer isso, companheiros, será preciso convocar as massas para defender essas posições, para dobrar ou derrotar o Congresso Nacional e todas as instituições reacionárias. Se vocês o fizerem terão um apoio majoritário entre as massas, do sul ao nordeste, e se estenderia massivamente por todo o país. **Venezuela, Equador e Bolívia já mostraram que os trabalhadores e a juventude respondem positivamente quando seus dirigentes convocam as lutas contra as oligarquias dominantes.**

9. Essa é a sua responsabilidade. O que vão fazer determinará o futuro do governo e do PT. Nós, que ajudamos a fundar e construir este partido, que combatemos pela vitória do PT em todas as eleições, contra os partidos burgueses, continuamos o combate pelo socialismo, **pelo fim do regime da propriedade privada dos grandes meios de produção** (PT, 2015, p. 158–165, grifo do autor).

Em uma linha moderada, mas não menos controversa, a chapa *Mensagem ao Partido* propôs um “ciclo de mudanças democráticas no país” através do

que denominou uma “iniciativa coletiva e plural de defender o socialismo e a democracia” (PT, 2015, p. 52). Essa chapa teceu uma análise do cenário regional onde países latino-americanos com governos socialistas passaram a ter inúmeras dificuldades financeiras apontando como causas o “apetite imperialista” dos Estados Unidos para conter a perda da hegemonia internacional (PT, 2015, p. 53).

A chapa *Mensagem ao Partido* conduziu uma análise meticulosa a respeito do clima de polarização que ocorreu, principalmente, com o término das eleições presidenciais de 2014 e afirmou que as “forças conservadoras” e “neoliberais” se reorganizaram e souberam manejar órgãos do judiciário e policial para promover ações de desestabilização do governo petista, bem como usaram com maestria a mídia para difundir em todos os setores da sociedade brasileira “um discurso de intolerância em relação aos valores da esquerda e à sua própria legitimidade” (PT, 2015, p. 58).

Em continuidade, a chapa *Mensagem ao Partido* indica direções que deveriam ser tomadas pelo PT, apresentando proposta que defende operar na formação da opinião pública com estratégias desviantes que buscariam justificar os casos de corrupção que envolveram pessoas ligadas ao partido, cortina de fumaça para mascarar os seríssimos escândalos envolvendo muitos de seus filiados, como se nota abaixo:

32. Contra a narrativa da criminalização do PT, reproduzida nos últimos anos, **é preciso construir**, no contexto da investigação da corrupção na Petrobrás, à luz do olhar crítico, **outra narrativa que se compõe, fundamentalmente, de seis eixos:**

a) **A corrupção no Estado brasileiro é sistêmica e não eventual**, tem origens históricas na formação antirrepublicana do Estado brasileiro e se renova com o financiamento empresarial bilionário das campanhas eleitorais, no quadro de um capitalismo fortemente rentista e patrimonialista;

b) Os governos Lula e Dilma, com o apoio do PT, **construíram os instrumentos inéditos na história republicana brasileira de prevenção, investigação e punição da corrupção, ao contrário dos governos** do PSDB e demais conservadores cuja marca central é a corrupção não investigada e impune;

c) As práticas antirrepublicanas vigentes no sistema político brasileiro afetaram também setores do PT e praticamente todos os partidos com maior expressão eleitoral na democracia brasileira.

d) O PT **já decidiu expulsar sumariamente todo filiado que estiver comprovadamente envolvido com casos de corrupção**, que é incompatível com os valores socialistas democráticos e republicanos por nós defendidos;

e) O PT não vê autoridade do PSDB e da **mídia liberal-conservadora em sua disposição de acusar e criminalizar o PT exatamente porque são os maiores defensores do financiamento empresarial das campanhas, dos interesses rentistas e patrimonialistas e da impunidade.**

f) A investigação da corrupção na Petrobrás, em um esquema iniciado já nos governos FHC, é mais uma prova irrefutável do compromisso do PT e do governo Dilma em combater a corrupção, que só pôde ocorrer a partir da nova lei apresentada pela presidenta Dilma de punir as empresas corruptoras (PT, 2015, p. 60, grifo do autor).

A chapa *Mensagem ao Partido* apresentou uma noção clara de que o enfraquecimento do PT havia se dado por conta, principalmente de desvantagens estruturais ligadas ao fato de que os meios de comunicação brasileiros estariam centralizados nas mãos de opositores, em contrariedade aos preceitos legais constitucionais, contrapondo “um subdesenvolvimento histórico da potência comunicativa das redes organizativas, comunitárias e sindicais e, em particular, do maior partido de esquerda brasileira” (PT, 2015, p. 64). Sugeriu-se, diante disso, “unir o sistema educacional que está sendo construído e o sistema público de cultura que vem se projetando” (PT, 2015, p. 66), bem como uma maior articulação da esquerda na “formação de uma narrativa comum”, sugerindo a implementação de rádios e jornais voltados para a difusão de uma agenda dos partidos e movimentos sociais de esquerda nas principais cidades brasileiras, mais uma vez apresentando um discurso bastante carregado ideologicamente de concepções socialistas:

47. Se avançamos na Constituição de 1988 no direito público do voto, o mesmo não se deu em relação ao direito de voz. Esta contradição está no centro do impasse na democracia brasileira. Formada em uma cultura do silêncio, com o passado colonial, uma tradição autocrática de Estado e a formação de um dos sistemas empresariais mais concentrados do mundo, as grandes majorias jamais tiveram direito à voz pública no Brasil. **Há um grande contraste com o caráter monocrático do poder de voz da direita liberal e conservadora, dos ricos, dos brancos, dos homens, dos adultos e o pluralismo social, religioso, étnico e cultural do povo brasileiro.**

48. Os interesses do capital financeiro organizam os meios de comunicação, centralizam agenda, formação de opinião, disputa de valores. **É necessário que o campo democrático e popular organize uma grande plataforma comunicativa para a disputa de hegemonia** (PT, 2015, p. 65, grifo do autor).

Não se pode afirmar que os posicionamentos contidos no *Caderno de Teses* eram unânimes dentro do PT e menos ainda que eram uma tendência, em razão das várias correntes internas do partido e das práticas relativamente moderadas

adotadas àquela época. Verifica-se que eram colocações controversas e que, de fato, remetiam à ideia de um partido para tempos de guerra ou, melhor dizendo, para embates menos abrandados.

3.4 *A Resolução sobre Conjuntura*

Em maio de 2016, o Diretório Nacional do PT, reunido em Brasília, emitiu a *Resolução sobre Conjuntura*, documento no qual foram tecidos comentários apontando um “equivoco político” ao longo dos 13 anos de governos petistas. O documento falava em “conspiração golpista” por parte de “forças usurpadoras”, em ataques à “hegemonia dos trabalhadores”, em uma “escalada de criminalização do PT e demais forças de esquerda” e ainda fazia menção à “concentração de todos os fatores na construção de uma força política, social e cultural capaz de dirigir e transformar o país” (PT, 2016, p. 4).

A *Resolução sobre Conjuntura* apontou medidas que deveriam ter sido tomadas e, claramente, faz menção ao aparelhamento de órgãos estatais, bem como investimento em formas de monopolizar as informações:

Fomos igualmente descuidados com a necessidade de reformar o Estado, o que implicaria impedir a sabotagem conservadora nas estruturas de mando da Polícia Federal e do Ministério Público Federal; modificar os currículos das academias militares; promover oficiais com compromisso democrático e nacionalista; fortalecer a ala mais avançada do Itamaraty e redimensionar sensivelmente a distribuição de verbas publicitárias para os monopólios da informação (PT, 2016, p. 4).

O documento trouxe ainda uma posição notoriamente ligada ao reconhecimento de que o PT deveria ter investido mais em orientação político-ideológica ao reconhecer que foi ineficaz e que não souberam lidar com a batalha das ideias já que “milhares de novos filiados foram incorporados sem quaisquer vínculos com o pensamento de esquerda ou nosso programa” (PT, 2016, p. 5).

No plano internacional, o documento também postulou que o processo de *impeachment* de Dilma seria parte de esforços para enfraquecimento político de países sob governos de esquerda para “fragilizar alianças contra-hegemônicas regionais” (PT, 2016, p. 3).

3.5 *O Foro de São Paulo: diretrizes sobre propaganda*

O envolvimento de líderes de nações vizinhas e os discursos alinhados, provavelmente, decorrem de pensamentos elaborados e compartilhados a partir da década de 90. O Foro de São Paulo (FSP), entidade fundada pelo PT e Fidel Castro em julho de 1990, congrega partidos políticos e entidades de esquerda que buscam o desenvolvimento e a implementação do socialismo na região, baseado “na democracia social e de massas” e “na luta anti-imperialista e popular” (FSP, 1990, p. 12).

O documento final resultante do XXII Encontro do FSP (2016), realizado entre 23 e 26 de junho de 2016 em El Salvador, apresentou aquilo que os participantes parecem ter percebido como o “ponto principal” a ser desenvolvido como forma de vencer o “imperialismo” e as correntes ideológicas divergentes na América Latina e Caribe na “Batalha de Percepções” (FSP, 2016, p. 41). Sobretudo, na seção três do referido documento, claramente estão expostos o que seria este campo de batalha, as armas e estratégias a serem adotadas para a conquista da hegemonia e implantação de “outra visão de mundo” (FSP, 2016, p. 18). Ficou evidente que as entidades que compunham o FSP deveriam investir no controle ideológico através da regulação dos meios de comunicação:

III. Medios de Comunicación

1. Tecnología y Comunicación. Una nueva forma de hegemonía.

[...] **Comprender la dimensión del poder político que detentan los medios masivos de comunicación, que es hegemónico, y su capacidad de manipular la “información”, así como su gran incidencia en la opinión pública, es parte indispensable del diagnóstico del proceso y la correlación de fuerzas, así como la base de análisis para rediseñar nuestra estrategia.** (Punto 2.a: “La batalla cultural y las ofensivas mediáticas.”)

2. Medios de Comunicación. Estrategias para la etapa.

a) La batalla cultural y las ofensivas mediáticas

Es elemento insoslayable que en la actualidad ha adquirido un rol determinante **la batalla táctica por ganar opinión pública favorable, en la medida que un nuevo paradigma comunicacional se instala con fuerza integrando la tecnología y asignando buena parte de los recursos materiales, financieros y humanos a la formación de opinión, provocando “sensaciones” y “percepciones” que pueden poner en duda las acciones que muchos de nuestros Gobiernos han llevado adelante para profundizar los cambios en el plano social, político y económico.**

[...]

d) Soberanía en Internet

De todos modos, en la Batalla de las Percepciones, estos medios pueden ayudar a poner un tema en debate, a colocar una reivindicación justa, a denunciar una injusticia, a propagar información valiosa, a posicionarse en una determinada coyuntura.

En síntesis, los medios virtuales, son complementarios y necesarios para la discusión en tiempo real y **ayudan a masificar una idea, un concepto y también pueden contribuir a neutralizar la manipulación y la difusión de información falsa y tergiversada.** Pero

de ningún modo substituyen la movilización popular ni el debate público en el plano personal y necesariamente deben estar alineados a una estrategia comunicacional (FSP, 2016, p. 35–38, grifo do autor).

O documento define que estaria ocorrendo uma guerra de quarta geração e que, por meio da produção de sentidos capazes de gerar sensações e percepções, os opositoristas do socialismo estariam criando condições que desqualificariam as ações dos governos progressistas na promoção das mudanças sociais, políticas e econômicas (FSP, 2016).

Em razão disso, saber manejar as informações e adaptá-las aos interesses propostos é essencial para a continuidade e consolidação do “processo de mudanças”, considerando que deve existir um “povo convencido”, condição necessária para a “redistribuição da riqueza” e “avanço no plano ideológico para a construção de uma nova sociedade” (FSP, 2016, p. 42, tradução do autor).

4 DISCUSSÃO

O uso do termo guerra psicológica por Dilma no final de 2013 não parece ter sido casual. Entre 2013 e 2015, o percentual dos que julgaram o governo ótimo ou bom caiu de 63% para 9%. Na amostra, 75% responderam que as notícias veiculadas na imprensa eram mais desfavoráveis ao governo e 70% avaliaram o governo como ruim ou péssimo (CNI, 2015).

Ao longo dos meses que antecederam ao *impeachment* de Dilma em 2016, uma série de escândalos de corrupção envolvendo integrantes do alto escalão e de apoiadores da presidente passou a ser as principais notícias jornalísticas no Brasil. Grupos político-partidários, antes alinhados, passariam a travar verdadeiras guerras midiáticas em busca da opinião pública.

A constatação de que documentos do PT e do FSP traziam referências à necessidade de um maior controle dos meios de comunicação, para melhor difusão e reforço do pensamento socialista na América Latina e Caribe, é uma evidência de que havia nítida noção da importância do uso de meios de influência para a perpetuação de seus ideais.

Aos analisar um apanhado da literatura relacionada ao uso da retórica e outros artifícios discursivos para impactar na opinião pública, verifica-se que trechos do *Caderno de Teses: um partido para tempos de guerra*, bem como do documento final resultante do XXII Encontro do FSP (2016) e da *Resolução sobre Conjuntura* deixam evidentes o discurso dualístico do “nós contra os eles” e sobre como conduzir os partidários para o alcance dos objetivos propostos.

A alteração de “princípios filosóficos-ideológicos” depende, basicamente, do emprego de meios capazes de gerar interesse e ódio no público-alvo (NOGUEIRA, 1963). Disse Arendt (1989, p. 188) que “a extraordinária força de persuasão decorrente das principais ideologias do nosso tempo não é acidental”. É

a partir disso que se nota que é preciso jogar com as paixões, penetrar o universo interior dos indivíduos de maneira que suas mentes e emoções possam ser mobilizadas em prol da causa estabelecida (ANSART, 1983).

Michels (1982, p. 27) afirma que existe uma natureza militarista nos ideólogos socialistas e o emprego tão íntimo de terminologias e táticas militares deixam notório que um partido dito socialista é, em essência, uma “organização de combate” e, como tal, exige centralização, disciplina e ordem de seus integrantes, a fim de se fazer cumprir os interesses do partido para a instauração da “verdadeira democracia” (MICHELS, 1982, p. 27). O uso dessas terminologias se lê em trechos como “en última instancia la batalla en el plano mediático es solo uno de los escenarios en que se libra la lucha por la liberación de nuestros pueblos” (FSP, 2016, p. 39).

Situações de violência e radicalização, individual ou coletiva, não surgem ou se propagam no vácuo. Antes são motivadas e podem ser arquitetadas. O PC do B possui um histórico de alusões à luta armada sob o pretexto de defesa da democracia. As entrelinhas da fala de Leci Brandão deixaram claro que o outro campo a que se referia era, em verdade, o campo da luta armada. Nas falas de Mauro Iasi, o recurso à violência contra aquilo que denominou conservadorismo parece ser mais do que uma mera licença poética, isso porque Lênin (1987), uma das fontes inspiradoras do PC do B e PCB, defendia que a revolução somente seria alcançada por meio da luta armada, o que exigia inocular nas massas o espírito da revolução violenta, segundo o próprio autor, a parteira da nova sociedade.

Uma análise de conjuntura política não se limita apenas aos fatos empíricos ou elementos imediatos. Os desdobramentos estão em constante movimento e nunca se trata de um trabalho neutro (ALVES, 2011). Não é tarefa simples traçar um perfil da conjuntura política do período em comento.

Em verdade, foi um período obscuro e de contradições. Movimentos e manifestações como “Copa pra Quem?”, “Movimento do Passe Livre”, “Não vai ter Copa” e até ações dos chamados “black blocs” tornam as análises mais confusas, imprecisas e suscetíveis a uma gama enorme de conclusões. Mégrét (1959) utiliza o termo “quinta coluna” para se referir a grupos ou pessoas que ocultamente maquinam maneiras de incitar, manipular e orquestrar agitações e violências coletivas. Para Morgenstern (2015) tudo não teria passado de iniciativas que fugiram do controle, ganharam vida própria e tomaram maiores proporções por grupos antes alinhados ao governo.

No tempo em que ocorreram, as falas analisadas neste artigo, isoladas ou em conjunto, bem como o teor dos documentos, apontavam para um cenário cujas expectativas de confrontos mais sérios acabaram não se concretizando. Não ocorreram no Brasil agitações graves ou ruptura democrática. A lei e a ordem, no que pese tenham ocorrido situações pontuais de violência, prevaleceram.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo se propôs analisar alguns discursos no período de maior instabilidade política na história recente brasileira. A pesquisa recorreu a um levantamento bibliográfico clássico sobre a gestão da preferência na esfera política, traçando um paralelo entre discursos e suas intenções aparentes. No bojo da instabilidade política brasileira, as falas de presidentes de países vizinhos e a conexão com movimentos sociais brasileiros contribuíram para tornar o cenário ainda mais conturbado.

Parte do *Caderno Teses do PT: um partido para tempos guerra* e da *Resolução sobre Conjuntura* do Diretório Nacional do PT tratam da “batalha de ideias”, defendendo que ela deva ser travada através de todos e quaisquer meios disponíveis. Essa visão é também sincretizada no documento final do XXII Encontro do Foro de São Paulo de 2016, onde se aprofunda ainda mais a visão de que os meios de comunicação são os recursos por meio dos quais essa batalha pode proporcionar melhores vantagens na arena.

No que pesem as falas analisadas indicarem um enredo mais severo e sobre a possibilidade de líderes de entidades representativas e de partidos políticos terem a capacidade de influenciar comportamentos, conforme a literatura apresentada, prevaleceu no Brasil um fim democrático. De fato, pontualmente ocorreram atos de depredação ao patrimônio público e privado, manifestações mais acirradas com atos de desobediência civil e enfrentamentos físicos entre grupos antagônicos, mas nada aparentemente próximo de uma guerra civil ou conflito armado.

A análise contextual de discursos, assim como a análise de conjuntura assemelha-se a um retrato momentâneo da realidade, em contínua modificação com o transcorrer dos acontecimentos. Agendas de pesquisas podem buscar se aprofundar em questões relacionadas aos desdobramentos que ocorreram (e ainda ocorrerão) na história política brasileira em função dos fatos, discursos e documentos analisados neste artigo.

REFERÊNCIAS

- ALVES, José Eustáquio Diniz. *Análise de conjuntura: teoria e método*. Rio de Janeiro: FRJ, 2011.
- ANSART, Pierre. *La gestion des passions politiques*. Lausanne, L’Age d’homme, 1983.
- ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo*. Tradução de Roberto Raposo. 3. reimp. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1989.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1977.

- BAUER, Martin W.; AARTS, Bas. A construção do corpus: um princípio para a coleta de dados qualitativos. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (ed.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p. 39-63.
- BRAGA, Bruno. Lula ameaça com “exército” do MST, 30 nov. 2015. 1 vídeo (16s). Publicado pelo canal Bruno Braga. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QhhYK_9Uf-U>. Acesso em: 27 set 2022.
- BRANDÃO, Leci. Discurso de Leci Brandão sugere ameaça com luta armada em Propaganda do PCdoB. Araripina, Pernambuco, [s. n.], 29 out. 2015. 1 vídeo (1min56s). Publicado pelo canal Araripina em Foco. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3UfNrYAIthE>>. Acesso em: 23 jan. 2020.
- CARVALHO, Fabrício Santos de. Nota de esclarecimento. Brasília (DF): SSP/DF, 2013. Disponível em: <<http://www.ssp.df.gov.br/sala-de-imprensa/noticias/item/2252-nota-de-esclarecimento.html>>. Acesso em: 24 fev. 2016.
- CASAL, Marcello. *Confronto de manifestantes em frente ao Congresso tem tiros e dois presos*. In: Agência Brasil. [S. l.], 18 nov. 2015. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2015/11/confronto-de-manifestantes-em-frente-ao-congresso-tem-tiros-e-dois-presos-4908263.html>>. Acesso em: 19 abr. 2016.
- CENTRAL SINDICAL E POPULAR (CSP). Partidos discutem as saídas da esquerda diante dos ataques e crise do PT e propõem Greve Geral. In: CSP-Conlutas. São Paulo-SP, 04 jun. 2015. Disponível em: <<http://cspconlutas.org.br/2-congresso-csp---conlutas/n/2698/partidos-discutem-as-saidas-da-esquerda-diante-dos-ataques-e-crise-do-pt-e-propoem-greve-geral>>. Acesso em: 09 ago. 2021.
- CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA (CNI). *Pesquisa CNI-IBOPE: avaliação do governo: dezembro 2015*. Brasília: CNI, 2015. Disponível em: <<https://silo.tips/download/dezembro-2015-pesquisa-cni-ibope>>. Acesso em: 16 jun. 2020.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso Político*. São Paulo: Editora Contexto, 2018.
- CLAUSEWITZ, Carl Von. *Da Guerra*. Tradução de Inês Busse. 40. ed. Coleção Livros de Bolso/Série Grandes Obras. Lisboa: Publicações Europa-América LTDA, 1996.

- DOMENACH, Jean Marie. *A propaganda política*. Edição Ridendo Castigat Mores. Versão eBook, 2001.
- ENRIQUEZ, Eugène. Psicologia das massas e análise do ego: as metamorfoses da função. In: ENRIQUEZ, Eugène. *Da horda ao estado: psicanálise do vínculo social*. Tradução Teresa Cristina Carreiro e Jacyara Nasciutti. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1983, p. 47-78.
- ENGELS, Frederick; MARX, Karl. *Manifesto do Partido Comunista*. Tradução de Sueli Tomazzini Barros Cassal. Porto Alegre: L&M Pocket, 2006.
- FORO DE SÃO PAULO (FSP). *XXII Encuentro del Foro de São Paulo: Documento Base*. San Salvador, El Salvador: FSP, 2016. Disponível em: <http://forodesaopaulo.org/wp-content/uploads/2016/06/Documento-Base-XXII-FSP-para-publicar.pdf> . Acesso em: 01 fev. 2020.
- FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. Representações sociais, ideologia e desenvolvimento da consciência. *Cadernos de Pesquisa*, v. 34, n. 121, p. 169-186, jan./abr., 2004.
- GARCIA, Nelson Jahr. *Estado Novo, Ideologia e propaganda política*. São Paulo: Loyola, 1982.
- GOODIN, Robert E.; KLINGEMANN, Hans-Dieter. Political Science: the discipline. In: GOODIN, Robert E.; KLINGEMANN, Hans-Dieter. *A new handbook of political science*. Oxford: Oxford University Press on Demand, 1998. p. 3-130.
- HEDGES, Larry V. How hard is hard science, how soft is soft science? The empirical cumulativeness of research. *American Psychologist*, v. 42, n. 5, p. 443, 1987.
- IASI, Mauro Luís. Mauro Iasi. In: WIKIQUOTE. [*S. l.*], 7 set. 2018. Disponível em: https://pt.wikiquote.org/wiki/Mauro_Iasi. Acesso em: 12 abr. 2020.
- LÊNIN, Vladimir I. *O Estado e a revolução: o que ensina o marxismo sobre o Estado e o papel do proletariado na Revolução*. São Paulo: Editora Hucitec, 1987, p. 7-27.
- LINEBARGER, Paul M. A. *Guerra Psicológica*. Tradução Major Octavio Alves Velho. Coleção General Benício. v. 12. Rio de Janeiro: Editora Biblioteca do Exército, 1962.
- MADURO, Nicolás. *Maduro cargó contra países del Mercosur*. Caracas, Venezuela, [s. n.], 04 ago. 2016. 1 vídeo (3min29s). Publicado pelo canal

ABC TV Paraguay. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1ZV-jZ2QGXo>. Acesso em: 17 jun. 2020.

MÉGRET, Maurice. *La guerra psicológica*. Traducción de Carlos A. Duval. Biblioteca del Ombre Contemporáneo. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1959.

MESZÁROS, István. *O poder da ideologia*. São Paulo: Boitempo, 2004.

MICHELS, Robert. Os chefes nas organizações democráticas. In: MICHELS, Robert. *Sociologia dos partidos políticos*. Tradução: Arthur Chaudon. Brasília: Ed. UnB, 1982, p. 15-57.

MORALES, Evo. *Bolivia: repudia Evo Morales desestabilización contra Dilma Rousseff*. Caracas, Venezuela, [s. n.], 21 ago. 2016. 1 vídeo (59s). Publicado pelo canal teleSURtv. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_TPaIkDPzCg . Acesso em: 16 jul. 2020.

MORGENSTERN, Flávio. *Por trás da máscara*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA (MST). *Conheça o “ameaçador” acordo bolivariano firmado entre MST e Venezuela: mais uma vez os setores conservadores demonstram que não admitem qualquer participação popular*. In: MST. [S. l.], 10 nov. 2014. Disponível em: <http://www.mst.org.br/2014/11/10/conheca-o-ameacador-acordo-bolivariano-firmado-entre-mst-e-venezuela.html> . Acesso em: 15 jan. 2016.

MUNDO DIÁRIO NEWS. Vamos nos Livrar do Moro, diz Vagner Freitas na Avenida Paulista. Publicado pelo canal Mundo Diário News, 17 nov. 2016. 1 Vídeo (58s). Publicado pelo canal Mundo Diário News. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GxZS9h5lRXA> . Acesso em: 27 set. 2022.

NOGUEIRA, Mário de Assis. Mobilização da Opinião Pública Propaganda e Boato. In: NOGUEIRA, Mário de Assis. *Ação Educativa Contra a “Guerra Revolucionária”*. Rio de Janeiro: Ministério da Guerra/Estado-Maior do Exército, 1963, p. 1-30.

NUNES, Augusto. A cara do PT. In: VEJA. São Paulo-SP, 31 jul. 2020. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/augusto-nunes/a-cara-do-pt/> . Acesso em: 11 abr. 2021.

- PARTIDO DOS TRABALHADORES (PT). Um partido para tempos de guerra. *In: CONGRESSO NACIONAL DO PT*, 5., 2015, Salvador. *Caderno de teses*. Salvador (BA): PT, 2015. Disponível em: <https://www.enfpt.org.br/wp-content/uploads/2017/09/AE-TESE-UM-PARTIDO-PARA-TEMPOS-DE-GUERRA.pdf> . Acesso em: 12 set. 2021.
- PARTIDO DOS TRABALHADORES (PT). Resolução sobre conjuntura. *In: PARTIDO dos Trabalhadores*. Brasília/DF, 2016. Disponível em: <http://www.pt.org.br/wp-content/uploads/2016/05/Resolu--es-sobre-conjuntura-Maio-2016.pdf> . Acesso em: 15 jun. 2021.
- POMAR, Valter. Declaração Final das Reuniões do Fórum de São Paulo (1990-2012). *In: FORO de São Paulo*. [S. l.], 13 jun. 2013. Disponível em: <http://forodesaopaulo.org/declaracao-final-dos-encontros-do-foro-de-sao-paulo-1990-2012/> . Acesso em: 19 set. 2021.
- RUIZ, Castor M. M. Bartolomé. A subjetividade e o poder: o dever e o sacrifício como símbolos legitimadores dos dispositivos de poder contemporâneos. *In: RUIZ, Castor M. M. Bartolomé. Os labirintos do poder: o poder (do) simbólico e os modos de subjetivação*. Porto Alegre: Escritas Editora, 2004. p. 175-220.
- SALCEDO, Grabiela. *MTST ocupa acampamento anti-Dilma em frente ao Congresso*: chegada dos sem-teto causou bate-boca entre lideranças dos movimentos. *In: CONGRESSO em Foco*. Brasília-DF, 28 out. 2015. Disponível em: <http://congressoemfoco.uol.com.br/noticias/mtst-ocupa-acampamento-de-movimento-anti-dilma-em-frente-ao-congresso/> . Acesso em: 23 jan. 2020.
- REIS, Fábio Wanderley. Identidade, política e a teoria da escolha racional. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 3, n. 6, p. 26-38, 1988.
- ROUSEFF, Dilma Vana. *Pronunciamento de fim de ano da presidenta Dilma*. 29 de dezembro de 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rv7m5HtpdGo> . Acesso em: 02 jan. 2020.
- SPINILLO, Luana. Dilma condena “guerra psicológica” pelo impeachment: a presidenta afirmou que oposição e mídia querem criar efeito dominó de pessimismo e garantiu que vai lutar até o último minuto contra o golpe. *In: PARTIDO dos Trabalhadores*. [S. l.], 13 abr. 2016. Disponível em: <https://pt.org.br/dilma-condena-guerra-psicologica-pelo-impeachment/> . Acesso em: 21 fev. 2020.
- VEJA. Presidente da CUT chama movimentos de esquerda a ‘sair às ruas com armas na mão’. *In: Veja*, São Paulo-SP, 13 ago 2015. Disponível em:

Leonardo Borges Ferreira

<https://veja.abril.com.br/politica/presidente-da-cut-chama-movimentos-de-esquerda-a-sair-as-ruas-com-armas-na-mao/>. Acesso em: 27 set 2022.

VOLKOGONOV, Dmitri Antonovich. *Guerra psicológica*. Traduzido por J. Bogdan y E. Cherniavski. Moscú: Editoria Progreso, 1986.